



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Pombagira nos cultos populares brasileiros¹

Hortensia Caro Sánchez²

Resumo: o texto fala das múltiplas pombagiras, seus corpos e seus cenários, levando o olho do leitor do além para o mundo dos vivos, transitando entre o visível e o não visível. A narrativa quer ser um eixo imaginário entre essas instâncias, ser um nexos; quer fazer palavras o discurso de uma construção da alteridade em feminino dos seus corpos protagonistas; quer tentar refletir o espelho do feminino ou sua ausência. Esse

1. A partir de tese que tese foi publicada como o livro *El subversivo principio femenino*. Cádiz: Editorial UCA, 2018.

2. Doutora pela Universidad de Cádiz (Espanha) e pela Universidade de São Paulo (Brasil). A autora tem publicado em *Cuadernos Hispanoamericanos* (ACID-Madrid), *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* (CSIC-Madrid) e *Revista de Antropología* (USP).

Hortensia Caro Sánchez

espírito quer se fazer escutar, dar a palavra às vozes subalternas da margem.

Palavras-chave: gênero; etnografia; religiões afro-brasileiras; pombagira; possessão.

Introdução

Na umbanda, religião brasileira de possessão que fusiona elementos de diversas tradições culturais nacionais e estrangeiras, surgiu o nome do espírito Pombagira. É o arquétipo de mulheres libertinas, de sexualidade exacerbada, que renunciaram à maternidade como forma de rejeição a toda sujeição ao poder masculino; esse perfil identificou-a como prostituta. Pombagira recolhe sequências de mitologias patriarcais europeias, criadoras da margem feminina, as feiticeiras e bruxas, às quais, já no Brasil, uniram-se outros ingredientes culturais.

A base da tese de doutorado que se tornou livro (SÁNCHEZ, 2018) e ensejou este artigo é um trabalho de campo de longa duração, e o que os antropólogos chamam de “observação participante” teve o maior peso, acompanhado de entrevistas a médiuns masculinos e femininos que recebem essa

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

entidade e também a várias pombagiras incorporadas. Os registros deste trabalho compreendem gravações de entrevistas, cadernos e jornais de campo, filmagens de rituais públicos e privados e grande quantidade de fotografias.

O intuito desta pesquisa visa entender como cada médium de pombagira constrói sua alteridade em feminino, pela presença, ausência ou reflexo de pombagira, partindo do fato de que a experiência com o espírito é múltipla e diversa, tanto quanto a subjetividade é única e singular. As páginas da etnografia apresentada querem fazer ouvir seus protagonistas, dar a palavra às vozes subalternas da margem.

Quando em 2006 apresentei o projeto de tese, pensei que as categorias de sexo e gênero poderiam dar uma explicação à possessão de pombagira, de forma que uma linha reta e perfeita separasse o princípio masculino do feminino e vice-versa. Tentei classificar o campo em um ou outro padrão. O resultado foi que se produziam demasiadas intercessões como para fechar sequer uma conclusão *a priori*; os elementos eram por demais flexíveis. Entendi que essa pretensão era uma ilusão, que a realidade não vem se acomodar a uns princípios gerais mecânicos.

Depois abandonei o anseio classificatório de sexo e gênero. Comecei a ver o campo com os olhos de uma observado-

Hortensia Caro Sánchez

ra, uma ouvinte que trata de achar um sentido, um sentido alheio, aquele do outro, da outra, não o resultado de uma teorização estranha àquela realidade com que trabalhava.

Foi então quando pude ver além de mulheres heterossexuais e homens homossexuais. Entendi que “o feminino” se inscreve com maiúsculas nos corpos das pessoas que têm sentido, refletido ou esquecido a pombagira. Existe uma panorâmica que no começo se apresenta confusa, mas que vai se armando de sinais e significantes para mostrar o modo em que o feminino orienta os passos de quem formou o corpo do meu trabalho.

Pombagira mexe e questiona uma pluralidade de pessoas, sobre qual é sua relação com esse feminino tão presente no ícone da figura mítica. Eu quis saltar o tópico do vínculo que une as mulheres heterossexuais com pombagira porque essa entidade irreverente também questiona e levanta perguntas – sempre incômodas – a outras categorias, que, por outro lado, têm áreas cinzas demais para se definir univocamente.

Estrutura

As trilhas deste trabalho se têm construído de forma dialógica com o campo, com muito tempo de escuta, desvendando feminidades. Dizia Janda de Oxum que “o mundo sem mulher não anda; ela é quem faz e desfaz o mundo”.

O trabalho se divide em três partes. A primeira oferece a perspectiva em que situo o objeto de estudo, pombagira:

- No panorama brasileiro, capaz de absorver e expelir as figuras míticas que compõem seu infinito acervo em movimento contínuo.
- No imaginário europeu, que foi conformando a figura da feiticeira e da bruxa durante vários séculos, uma vez que a divindade feminina foi exiliada do sagrado. O “fio genealógico” do que eu falo é uma arqueologia seletiva, claro que fragmentária e especulativa, conduzida com a intenção de mostrar a trajetória da astúcia da margem feminina, tanto na Espanha e em Portugal, como no Brasil.

Hortensia Caro Sánchez

Na segunda parte, diversos casos das relações entre o espírito de pombagira e homens e mulheres do campo, a pluralidade corpórea de pombagira. Palavras diferentes, corpos diferentes, desejam elaborar uma linha discursiva variada. Pombagira brilha para questionar, para contatar uma experiência sensível, de aparência de escape, a magia feminina, percorrendo todas as curvas de sua própria história, a de uma incômoda feiticeira.

Entre aqueles casos mais perfilados, retive alguns, não somente porque eles poderiam aportar um discurso melhor articulado, mas também porque alvejam a diversidade mais extensa. Aliás, suas pombagiras nos trazem de maneira mais clara nos seus relatos, feitiços, roupagens, emblemas e palavras a narrativa sobre como tem se construído sua figura mítica. Eles têm ressonâncias de viageiras obrigadas a atravessar o Atlântico, mas também das bruxas ibéricas modernas e da Antiguidade clássica.

A mostra de dez casos de maneira alguma pretendeu ter validade quantitativa, quer dizer, não podia se construir em universo do qual tirar conclusões, pois não tem valor para inferir uma ideia fixa. Nem sequer pôde fazer um balanço qualitativo daqueles que podem parecer um grupo homogêneo,

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

pois, quando se rascunha a superfície, volta reluzir de novo sua inicial heterogeneidade. Então, os casos se apresentaram de forma particular, enfatizando a história de quem quis abrir uma parcela da sua vida pessoal. É aí, nessa narração concreta, e não em outra, que pombagira interveio.

A casa de santo de candomblé de Toninho de Oxum e Eva de Oxumarê, que conheci por mediação de Fernando Giobellina, foi a base do trabalho etnográfico. Eles me abriram não só as portas da sua casa como também me apresentaram quase todas as pessoas que integram este trabalho. Viagem a viagem, ano a ano, durante dezoito, tenho falado, registrado e convivido com as pessoas desta etnografia. As noites e dias nas casas onde realizei o trabalho de campo conformaram o sujeito e o objeto sem predeterminação. Nem sempre aparecia com clareza a posição desses conceitos. As situações, dentro e fora da casa, tanto a da família doméstica quanto a de santo, me fizeram partícipe, não só como observadora, de uma infinidade de situações do cotidiano: comprar no mercado, sair um fim de semana, lavar a roupa na pia quando a máquina de lavar não funciona ou aprender cortar legumes desconhecidos.

Às vezes me olhava desde fora, como se uma câmera me fizesse parte da cena; outras, era observadora, me sentava a

Hortensia Caro Sánchez

escutar ou ver experiências vitais. Não era fácil para mim reconhecer a fronteira que separava a outra pessoa de mim própria.

Os anos 2003, 2004 e 2005 foram os melhores no campo. As entrevistas, as filmagens e o cotidiano me levavam de uma pessoa a outra; suas casas se abriam para mim como uma sorte de leque vermelho de pombagira que me fazia vibrar as ideias. A plenitude do campo me ofereceu vidas complexas, vivências, narrações, enfim, eram realidades alheias e diferentes.

Apresento um resumo desses dez casos, pura etnografia, que abrem esse leque de pombagira.

■

Adelaide

Adelaide se foi faz tempo. Tinha 35 anos. Foi uma mulher jovem com dois filhos e três parceiros, os quais, quando não a agrediam, a abandonavam. Adelaide teve um marca-passos, uma exígua pensão, vários espíritos, dois filhos e algum amor. Dizia de si mesma se sentir abençoada.

Entrou na umbanda, onde sua pombagira tomou conta da sua vida. Era filha de santo de candomblé e passou por várias casas de santo, de tendas e terreiros. Tinha um quarto

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

de exu e um barracão com atabaques num quintal coberto, o salão da sua casa. Adelaide tinha sessões de pombagira um dia por semana no quarto de Exu. Era uma atividade que apenas lhe dava uns trocadinhos. Seu sonho foi ter uma casa de santo para comemorar os orixás e pombagira, a rainha da sua casa. Esse espírito foi para Adelaide sua guia, seu modelo e sua proteção. Pombagira e matéria se unem quase numa mesma experiência vital. Foi um sonho e um reflexo, mas também uma identificação de quem era sua pombagira e quem foi ela.

O nome da sua entidade, Rosa Vermelha, Adelaide adivinhou-o num sonho depois da primeira possessão e ter contado mil histórias diferentes e cantigas para sua cambone. Era um espírito desconfiado da sua matéria. As noites dos sábados eram os momentos preferidos pela pombagira. Adelaide ia sambar e foi nesses barzinhos de dança onde ela escutava uma voz: “Ah, esse é meu lugar, não vai embora”. Com medo da possessão ou de se mostrar devassa pela influência do espírito, voltava para casa temendo que no sábado seguinte pudesse acontecer qualquer alteração. Adelaide sabia que sua pombagira fazia questão de “comer na rua”, queria um sacrifício e uma oferenda, pois era uma Padilha da Estrada, assunto difícil de cumprir para Adelaide; duvidava do lugar bom, devia ser

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Hortensia Caro Sánchez

afastado da sua casa, sem trânsito de pessoas, de carros. De repente, ela chegou a fazer um pacto com a entidade:

Você quer comer na estrada? Come na estrada, se você parar de mexer comigo todo sábado e me der seu nome. Então, é isso aí, Maria Padilha da Estrada, mas com apelido de Rosa Vermelha

Pombagira teve sua oferenda e Adelaide, aliviada, sentiu-a mais próxima.

Um dia, na sua casa, as cores das roupagens brilhavam na sala e nelas parou-se Adelaide, só restava pedir que as vestisse, mas não fez falta: “Você vai ver como é ela”. A saia fazia voar sua cintura, o torso lhe emprestava um perfil altaneiro. Olhou-se no espelho, traspassou-o. O nariz planeava numa dimensão alta, mas não era um céu qualquer, era um espelho instalado nos seus olhos. Sua “outra de si mesma”.

“Então, eu quase ela.”

Mariana

Mariana também se foi faz dois anos. Foi uma senhora bem casada e com dois filhos que já lhe deram netos. Conheceu a umbanda quando chegou a São Paulo desde Bahia com dez anos. Teve uma pombagira, uma Molambo muito bonita. Dizia que a incorporou com treze anos e em seu nome fez trabalhos por causa de amores quando foi adolescente. Iniciou-se logo em candomblé. Depois conheceu o marido, teve seus filhos e esqueceu a sua Molambo na dobra de alguma saia adolescente. Mariana foi a ordem na qual não tinha cabida o imaginário da mulher libertina, sua Molambo.

As mães para Mariana foram uma suma de mulheres: uma lhe deu a vida, outra a levou para São Paulo e mais uma com a qual ganhou o primeiro salário com treze anos. Com todas elas manteve uma relação afetiva, como se fosse construindo famílias, se apegando a elas, até conseguir um trabalho numa firma. Depois a narração das mães some para criar sua própria vida de mulher.

Conheceu o candomblé com Toninho de Oxum, e Oxóssi pediu a feitura, a iniciação. Mas era responsabilidade de-

Hortensia Caro Sánchez

mais para uma garota que começava a descobrir o mundo: “Eu gostava de belos namorados, eu dava tudo de mim para manter o meu luxo”. Acabou entrando no roncô: “Oxóssi me salvou”. Talvez fosse a lembrança deformada pelos anos, mas a feitura parece moralizar uma vida livre, uma garota bonita sem pais nem tutores de perto. O candomblé a separou de uma vida, que na memória de trinta anos após, a levaria por roteiros dissolutos.

A sua pombagira, Maria Molambo, conheceu-a em São Paulo, não na Bahia, longe do catolicismo da sua mãe e das mandingas do seu pai. Um espírito de tamanha liberalidade enfrentava-se com a moral da “boa” família; ela sabia que não podia envergonhar sua mãe. Mas os olhos da família não chegavam tão longe. Da sua pombagira aprendeu fazer trabalhos, um deles ela relatou com olhos de trinta anos a menos, como se olhando no passado: questão de ciúmes e amores.

Foi na época de adolescente quando Molambo permaneceu perto dela. Depois da feitura no candomblé e seu Oxóssi, foi se afastando de esquerda feminina. Não é pombagira quem manda na esquerda, senão Exu Sete Montanhas, quem dá ordens e deixa trabalhar Molambo. Ela me disse: “Talvez minha vida ficou tudo tão certinho porque ele não libera pombagira

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

para ficar sempre no meu pé, ali. Porque se não, eu talvez teria feito igual às outras... escapando!”.

Esse Exu até parece vestido de branco, conselheiro ético das suas ações. Maria Molambo, porém, seria a grande feiticeira, que arrasta as garotas para a vida noturna, para a renúncia das raízes e costumes grosseiros.

Leonor

Sua mãe foi prostituta em São Paulo para procurar uma casa para suas filhas. E ela a conseguiu. Leonor continuou um caminho paralelo e torcido. Sempre teve facilidade para conhecer qualquer marginal, homem ou mulher, cliente ou dona de “putero”. Foi mãe, prostituta, traficante, operária numa oficina de carros e filha de santo de Exu. Conheceu a prisão e foi Exu quem a tirou de lá. Leonor negou ter uma pombagira; nada quis saber dela. Exu, que pode ser divindade ou espírito de morto, se desdobra em qualquer dos dois domínios e preenche sua essência marginal e masculina. Leonor nega sua pombagira até masculinizar as lembranças dos seus espíritos.

Hortensia Caro Sánchez

Exu, tanto orixá quanto entidade, sempre mandou na sua vida. Homens, crimes e Exu. Nenhum dos três elementos da tríade tem sentido por si mesmo na vida de Leonor, mas Exu é o eixo articulador dos outros dois. Exu leva seus filhos(as) de santo para transgressão de toda regra e conhecer os limites para aprender saltá-los. Leonor teve homens que a levaram a Exu, mas também teve outros que Exu colocou nos seus caminhos.

Ela me disse:

■
Aí me encontrei com um rapaz que é o pai dos meus filhos mais velhos. A gente.... Não sei se foi paixão, se não. Eu não sei se foi um meio, se foi amor.... Eu fugi daquela vida [prostituição] e a gente foi morar junto. Daí um dia eu fui traída por ele, que eu encontrei na cama com minha própria amiga. Aí o amor acabou. Então, eu voltei para minha vida de antes que era de prostituição.

Leonor casou-se depois com um outro homem respeitado; narrava esse tempo com carinho, com um sorriso que olhava o chão como o tempo vazio. Era um homem que frequentava a casa do Pai Toninho de Oxum. E foi lá que conheceu uma

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

gerente de prostitutas, uma cafetina de boate. Disse-me que naquela época, na boate, todos os homens eram políticos e havia muita orgia. Voltou ao mundo da prostituição.

Leonor foi na época a única filha de santo de Exu, mas chegou no terreiro uma mulher que tinha Exu de frente, disse-me ela. Leonor não podia lembrar com clareza da cena porque a possessão da entidade exu advertiu à mulher para desistir de entrar no terreiro. Uns dias mais tarde encontraram a mulher e seu namorado mortos num parque. Mas Toninho de Oxum tem outra versão que diz que a mulher era de Iansã; também diz, a respeito de Leonor, que não foi exu quem dirimiu a briga, senão a pombagira de Leonor, Maria do Porto.

Dois versões: para Leonor a masculinidade resolve a situação. Exu ordena e desordena a experiência vital. Ela desafia a outra mulher em masculino. Mas, para Toninho, a marca da cena seria a feminidade. Poderia ser uma conversa entre duas pombagiras ou uma só ordenando, Maria do Porto, nada mais comum nas conversas e desquites de pombagira.

Leonor teve sete amores, como sete rosas oferecidas num trabalho de uma encruza de pombagira.

Hortensia Caro Sánchez

Gaby e Silsa

Elas são duas mulheres transexuais, filhas de santo, que abriram sua própria casa de santo. Também são dois cavalos de pombagira. Gaby é jovem, corajosa, de espírito efusivo e contaminante; Silsa é vinte anos mais velha, melancólica e de espírito recolhido em suas lembranças, mas não de menor intensidade. Suas duas pombagiras são incorporadas e muito vividas. Cada uma delas está doutrinada e cada uma vem à terra à maneira da sua matéria, uma como rainha, a autêntica *María Padilla*, e a outra como sombra de um trovão de cinzas.

Gaby me convidou para uma sessão de pombagira, mas antes tivemos uma entrevista. Lembrava das crises acontecidas na escola, o que ela chamava “desmaios”. Depois da puberdade não teve mais. Para ela, esses episódios eram manifestações de mediunidade, mas também era um processo de construção de sua corporeidade. Visões, queda de consciência eram sintomas da sua diferença. Era uma força que tentava emergir e se desenvolver de forma simultânea no seu corpo e na sua sensibilidade mediúnica. Depois da possessão de várias entidades, como *caboclo* e *erê*, começou a entrar na sua vida a pombagira:

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

Passei por todo o tratamento espiritual da umbanda, camarinhas, as coisas todinhas, e houve um desenvolvimento. Só que é assim, de todas as minhas entidades, a que dava mais trabalho era pombagira. A que se manifestava mais, que arranjava mais confusão. A mais forte era pombagira.

Seja como desculpa ou como álibi, foi essa entidade a que lhe deu a coragem de se definir como sujeito sexual feminino. A decisão de tomar hormônio com dezessete anos é quase coincidente com o fim das crises e a incorporação de pombagira. Daí para a frente inicia uma outra vida, onde o sujeito “bicho de sete cabeças” se transformou em “eu, mulher”.

Na sessão conheci María Padilla, não Maria Padilha. Aquela noite, já incorporada, a rainha quis contar sua história para mim. Ela disse: “Você quer saber quem eu sou, é isso? Fui a amante do rei, a favorita, a melhor e aquela que ele mais amou... Eu fiz muita feitiçaria”. Disse-me que morou em Castela, nos anos de 1300. Falava com sarcasmo de uma rainha francesa, uma coitada, disse. Suas gargalhadas eram explosivas. Continuou falando que a feitiçaria do cinto que deu como presente ao rei foi ela mesma que fez, não o judeu, como conta o romance. Teve vários abortos, mas ninguém sabe. No

Hortensia Caro Sánchez

final voltou com gargalhadas e disse: “Mas tive três filhos, três bastardos, bastardes e príncipes!”³

Silsa

Na época que conheci a Silsa, ela se achava muito aflita pelo abandono dos filhos de santo, ogãs e, inclusive, pelas amizades. Porém, sua casa teve outros tempos felizes, conseguiu ter até trinta e cinco filhos de santo. Foi quando se sentia amada, segura e reconhecida como mãe de santo.

Nos nossos encontros, Silsa tirava o torço branco e deixava cair o cabelo cor de caoba; seus olhos grandões tinham uma estranha tristeza, quase uma paz ou uma resignação. A dedicação aos orixás e suas entidades era a fotografia que quis me dar da sua vida. Sua história atualizava o começo da sua vida com a iniciação no candomblé, a feitura.

3. Gaby disse incorporar a autêntica María Padilla, amante de Pedro I, El Cruel; não é uma pombagira do povo das “padilhas”, senão ela própria, a rainha. Não soube, na verdade, se tinha lido o livro de M. Meyer, *Maria Padilha e toda a sua quadrilha* (1993).

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

Teve cinco pais e mães de santo que cuidaram de sua vida espiritual e dos seus orixás, Iansã e Abaluaê. Mas também mudou de nação: de angola, passou para keto, para efon, e, finalmente, com Toninho de Oxum voltava para keto. Um percurso cambiante que oferecia uma visão vertiginosa e dava conta da confusão de práticas rituais.

Sua pombagira, com o nome de Pavana, apareceu quando tinha doze anos. Aconteceu no carnaval. Quando os amigos se deram conta da possessão, levaram-na para a casa de uma mãe de santo de umbanda para acalmar a entidade. Hoje, essa pombagira é a rainha da casa de Silsa, pois foi a primeira entidade e a ela é oferecido o orô em carnaval. É uma pombagira tranquila, apenas dança, dá consulta, porém fala pouco, bebe champanha, fuma cigarrilhas e sente os prazeres que num tempo lhe deu a vida.

Silsa desconhece quem é e ninguém sabe, nem suas amigas que a acompanham:

Cada pessoa que vê minha pombagira, uma diz que parece que é um egum, outra fala que era uma mestra, outra fala que é uma dama de noite, outra que era dona de cabaré.... Eu não sei como que ela é [...]. Não sei se é uma

REVISTA ESTUDOS AFRO - BRASILEIROS

Hortensia Caro Sánchez

mestra, se ela morreu no cabaré, se foi uma menina de prostitutas.... Eu sei que era mulher de vida fácil.

Toninho de Oxum foi para fazer o orô. Foi uma tarde de trovões, de muita ventania. Pavana, sentada, com uma rosa vermelha numa mão e uma taça de champanha, tentava cantar alguma cantiga, mas sua voz rota não conseguia que as seis pessoas acompanhassem no canto. Tudo era triste, mas o orô foi feito. Depois que acabou o ritual, também acabaram os trovões; o céu não sabia se iria abrir o azul ou descansar em cinza. Na metade da escada abria-se uma janela sem vidro, pela qual se olhavam as casinhas de cores molhadas pela chuva sobre a ladeira.

Leila e Joana

Leila, mulher homossexual, viveu o sonho de qualquer homem heterossexual que adora uma mulher sedutora e também heterossexual. Expressava-se como esse homem, sonhava como esse homem. Teve vários amores, mas um deles a cativou para sempre no “corpo” de uma linda pombagira Molambo, a

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

quem jamais esqueceu. Amava-a e foi sempre o reflexo de um grande amor. Leila é a mulher provocadora, filha de santo de Ogum, que se assemelha a seu orixá, Ogum, orixá que faz o estereótipo mais masculino.

Jamais lhe faltaram amores; dizia que tinha uma mulher para cada dia da semana: “Preciso dar um jeito nessa mulherada”, me disse. Morou com várias e na época namorava com uma menina que ela chamava de “princesa iorubá”.

Leila fez a construção de si mesma perante a observadora com o orgulho de mulher homossexual atraente de gênero masculino. Quando eu tentava tocar no assunto de pombagira, ela mudava a conversa, mas finalmente apareceu. Tinha uma: Pombagira Sete Saias. Falava nela sem afeto, sem apego. Só se nos búzios a entidade pedia um orô, uma oferenda, ela fazia, mas só obrigada. Além disso, Leila passava vergonha na possessão, pois vestida de saia e com batom não batia com ela. Portanto, não separava sua pessoa do espírito. Dos seus amores quem cuidava era Exu Tiriri.

Mas tinha outra pombagira na sua vida, Maria Molambo, espírito que incorporava sua parceira na época. A paixão entre as duas mulheres refletia-se no espelho da possessão: “Eu pedia, ela vinha, ela se transformava. Se eu fiquei um tempão

Hortensia Caro Sánchez

com Lisa, foi por conta dessa pombagira, uma puta de uma morena, coisa mais linda. Mas perdi as duas porque não sou para uma mulher só”. Leila, Lisa e Maria Molambo faziam dois triângulos, um amoroso e outro místico, que se alimentavam mutuamente. Para Lisa, sua pombagira acrescentava a atração de Leila por ela, era seu duplo refletido num espelho carregado de sedução. Leila idealizava na pombagira a mulher que amava, era mais sensual; além disso, Molambo era sua feiticeira pessoal, aquela que trabalhava só para ela.

Joana, também homossexual, mais jovem e mais aberta ao povo de santo, é filha e sobrinha de mães de umbanda e filha de santo de um conhecido pai de santo de Rio. Mexe-se sem dificuldade no jogo de identidades, de seu gênero e a dos seus espíritos e divindades. Não acha incompatibilidade alguma para incorporar exu ou pombagira. Quando conversava comigo, a observadora, não entrou em revelações amorosas, nem da sua identidade sexual, pois isso era outro domínio.

Houve uma sessão de Exu Tranca-Rua à qual assisti sem expectativas de filmagem nem entrevista, mas me enganei, Joana conversou comigo vários dias, só Exu não me deu permissão para fotografá-lo. Depois de várias cantigas e saudações de Laroîê, Joana fechou os olhos na frente do assentamento de

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

Exu e seu corpo tremeu. Chegou Exu para beber um pouco de *whisky*, colocou o chapéu, tirou a saia branca de Joana. A voz grave parecia sair do fundo do chão. Exu me chamou e eu fui cumprimentá-lo com os três abraços. Disse-me que Maria Padilha iria chegar na segunda próxima, pois ele ia chamá-la. Foi uma sessão curta: deu três consultas, começou uma cantiga que acompanhou a assistência, o corpo de Joana se mexeu, deu um grito e Exu foi embora.

Voltei na segunda-feira com a esperança de falar com Maria Padilha, mas não veio. Joana tinha uma expressão como vazia, preocupada. Tinha um amigo na casa, escondido de pessoas que o procuravam para bater nele. Pelo que depois soube, tinha falado com a polícia de assuntos de droga. Mesmo que no quarto de Exu as pessoas assistentes chamassem Maria Padilha e as cantigas fossem animadas, fiquei sabendo que não haveria sessão.

Joana entrou no candomblé para aprofundar na “religião”, como um grau superior na escola do afro-brasileiro. Mas ela separa um culto de outro. No caso de exu e pombagira, eles não são escravos dos orixás, seus mensageiros, pois, segundo ela, quando o orixá quer falar o faz no búzio. Da mesma forma, também separa pessoa e entidade. Se as entidades são

Hortensia Caro Sánchez

claramente masculinas e femininas, ela dissocia o plano da sua realidade como pessoa do plano místico; não tem conflito de levar saias, de mostrar um lado feminino quando incorporava pombagira, pois não é ela. Incorporar Maria Padilha não incomoda sua homossexualidade sentida, confirmada e assumida.

Thiago

É o único homem heterossexual do campo. Foi um garoto de igreja e catequese. A morte do seu irmão foi o fato pelo que se viu imerso a procurar um centro espírita. Anos mais tarde dirige uma tenda, uma casa de umbanda, baseada na caridade dos espíritos. Thiago sempre foi pragmático: seus espíritos servem à comunidade de fiéis da sua casa, como também cuidam das entidades que incorpora: o seu exu sempre foi Tranca-Rua das Almas; mas a respeito de pombagira, Thiago deixou de incorporar a Cigana Silvia para Padilha das Almas. Esse fato teve muitas críticas e abandonos das pessoas adeptas da casa. Hoje a casa é lotada de adeptos e farta de entidades.

Como Pai de umbanda, porém feito no candomblé, são muitas as entidades que foi acumulando na vida espiritual. O

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

primeiro foi o Caboclo Tupinambá, que pertence à falange de Oxóssi e ensina orações para benzer e curar através das plantas. Em seguida veio o Pai Benedito das Almas, um preto velho que desfaz mandingas com orações; outra entidade é o erê Ricardinho. Também incorpora o baiano Zé dos Coços, Zé do Leme, marujo divertido e bêbado, João Boiadeiro, que traz prezes às virgens e santas católicas; o cigano Pablo, Thiago disse que é espanhol. Por último, bem à esquerda: Exu Tranca-Rua, Exu Capa Preta, a pombagira Silvia e Maria Padilha das Almas. Thiago tem assentamentos dos exus Capa Preta e Tranca-Rua, um de herança e o segundo seu próprio, o guardião da casa. Mas soube depois que tem outro, Exu Molambo, quimbandeiro, que mexe com baixa magia, com coisas pesadas, ao contrário do seu Tranca-Rua, que pareceria um anjo do céu.

Das sessões a que tenho assistido desde 1994, inauguração da primeira casa, poderia falar longamente. Sempre conversei com seu Tranca-Rua e a Cigana Silvia; os dois me deram receitas, me falaram das vidas passadas e se deixavam fotografar como antigos conhecidos. Ainda não falei com Maria Padilha das Almas pois é novidade de possessão que ainda não deu para ver.

Hortensia Caro Sánchez

Fala Thiago da esquerda: “Exu e pombagira são um casal. No caso aqui, eu trabalho com seu Tranca-Rua das Almas e tenho a pombagira Silvia, que é mulher do seu Tranca-Rua [...]. Pode ser também Maria Padilha das Almas, que é companheira dele também, ele fala”.

Toninho e Eva

Cicerones no campo, guias em trilhas que sem eles teriam sido insuperáveis, contadores de histórias ou lendas, informadores sem descanso. Foram o eixo deste trabalho.

Toninho e Eva encontraram uma alteridade na possessão de pombagira, uma colega e uma comadre. Se o cavalo é Toninho, sua pombagira é Maria Padilha das Almas; se se trata de Eva, sua entidade é Tata Molambo das Sete Encruzilhadas. A pombagira de Toninho é antiga, vem de Recife, é uma estrela que o guiou ao Sul, São Paulo; Tata Molambo revelou-se para confirmar a estabilidade procurada, muitos anos depois, quando precisavam mudar de casa.

Ele, homossexual, ela, heterossexual, eles se encontraram faz muitos anos e criaram uma família. Toninho trouxe para

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

São Paulo desde Recife a pombagira e seus espíritos de jurema. No Recife e Salvador se acostumou ao poder das mulheres na “religião”, onde ele, como homem, não podia entrar. Continuou do lado das mulheres da religião. Toninho fez a iniciação no candomblé com mãe Lidia Alves do Sítio do Pai Adão e, assim, o sagrado feminino se conectou com ele. Pombagira, culto ao que tinha acesso, foi um buraquinho para respirar, o ar do universo que lhe fascinou, quanto lhe é vetado.

Eva, anos depois da iniciação no candomblé, teve um sonho e uma revelação: a pombagira Tata Mulambo aproximava-se do seu corpo, sua vida, e se revelou no seu corpo para segurar uma casa para a família de Toninho e Eva.

Com Toninho e Eva me unem mais de vinte anos de amizade, de vivências pessoais. Isso quer servir de pretexto para dizer que a escrita das suas pombagiras seja mais contida, que o freio das palavras preserve o vínculo de um certo segredo. Paradoxo: de quem mais sei, menos posso falar.

A última parte do texto registra a preparação e arrumação física e espiritual e a própria festa que na casa de Toninho de Oxum dedica-se a essa entidade, pombagira. É uma síntese, um *potlach* no qual todas as pombagiras e os exus da casa vêm celebrar a festa da rainha da margem da margem. Passei duas

Hortensia Caro Sánchez

semanas acompanhando as compras no Mercado, na 25 de março, no Brás... enfim, quase todos os dias na rua. Também visitei várias casas de umbanda e candomblé. Na casa de Toninho se acordava cedo, com o primeiro cheiro de café. A casa sempre estava lotada de pessoas (clientes, filhos de santo, vizinhos, amigos). As duas máquinas de costura não paravam, para criar roupagens de exus e pombagiras; as saias das duas pombagiras da casa foram as últimas. Na quarta-feira anterior ao sábado da festa, o orô reuniu a mulherada enquanto os homens trabalhavam com o sacrifício dos animais. A lua cheia apareceu no quintal enquanto os bambuzais se mexiam com a doçura de um cálido mês de abril. Cada mulher levava na mão uma galinha que ia parar nas mãos dos homens. Tata Molambo desceu na Eva e deu várias consultas a mulheres e homens; quase todas foram de amor, pelo que ela me disse antes de desvirar. Pediu dinheiro à assistência para os homens que foram levar o carregio e se despediu. Eu ficava observando, escrevendo todo detalhe: as folhas, os animais, a arrumação do quarto de Exu. O barroquismo marcava toda ação, todo cuidado era preciso para enfeitar o barracão e o quintal.

No sábado a festa foi longa, as cantigas não paravam, ao ritmo dos atabaques, a roda se abria para ver dançar pombagi-

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

ras e exus. Já vinha o entardecer e a luz filtrava-se pela fumaça dos cigarros e cigarrilhas das entidades. O cheiro de perfume, bebidas alcoólicas, da feijoada que iria se servir depois, unido ao suor da dança fazia quase insuportável ficar no barracão. Mas Tata Molambo me chamou para me pedir cigarrilhas e me mandar ficar do seu lado para escrever nas consultas o que ela falava: “Escreve aí, mulher. Você sabe o que eu falo” (Não posso negar que me senti, de uma parte, privilegiada, mas, de outra, percebi que estava atravessando uma fronteira).

Depois de umas horas, Maria Padilha se foi ao quarto de Exu para desvirar, seguida do resto das entidades, umas vinte.

O quintal se encheu de pessoas. Umhas mãos invisíveis que vinham da cozinha levaram a feijoada de pombagira. As entidades misturavam-se junto aos comensais para continuar com consultas. Na sombra, não me lembro de onde, uns tambores pequenos, não atabaques, senão de samba, passaram de mão em mão para uma outra festa: a profana.

Hortensia Caro Sánchez

Conclusões

Haveria duas linhas causais. Foi no profano – segregado por um sagrado masculino – onde o poder das mulheres pôde abalar com suas redes um masculino circundante mediante suas feitiçarias. E se a atividade sexual feminina foi intervinda como monopólio dos homens em nome da moral e a razão, com o fim último de garantir a potestade paterna sobre os filhos, a magia amatória, inventada por mulheres, foi uma voz em tom baixo, elaborada desde a subalternidade e a margem.

As bruxas, as acusadas de pacto diabólico, foram segregadas de magia operacional pela mitologia inquisitorial, embora essa magia conservasse o diabo como partícipe nos seus conjuros e feitiços. No ideário feminino colonial da magia, Satanás incrustou-se como parceiro com quem culminar um trabalho, com quem intervir no cotidiano, junto aos santos.

Pombagira é herdeira da magia europeia que viajou ao Brasil na época colonial. A essa magia uniram-se outros ingredientes culturais, africanos, e, em menor medida, indígenas, mas a essência ibérico-mediterrânea permaneceu.

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

Por outro lado, outra linha causal é o canibalismo simbólico. A força centrípeta do panteão da umbanda constitui a figura de pombagira. Mas se a umbanda a pega, a potência de pombagira escapa ao sistema; é a volubilidade a marca de entidade que, ao se constituir como esquerda da esquerda, margem da margem, como feminino de fronteira, permeia os cultos populares de possessão. Se exu percorre todos os cultos para ser sua coluna vertebral, pombagira entra pelas frestas, os interstícios criados por seu próprio princípio antiestruturante.

Referências

- AUGRAS, Monique. *O duplo e a metamorfose*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.
- AUGRAS, Monique. Maria Padilla, reina de la magia. *Revista Española de Antropología Americana*, 31, p. 293-319, 2001.
- BIRMAN, Patricia *O que é umbanda*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983.
- BIRMAN, Patricia. *Fazer estilos, criando gêneros*. Rio de Janeiro: Dumará Distribuidora de Publicações/Editora UERJ, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2005 [1998].
- CALAVIA, Óscar *Fantasmas falados*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Hortensia Caro Sánchez

- DOUGLAS, Mary *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.
- DURÁN, Agustín *Romancero General o colecciones de romances Castellanos*.
Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, Real Academia Española,
1945 [1877].
- FERREIRA, Candido Procopio *Kardecismo e umbanda*. São Paulo: Livraria
Pioneira, 1961.
- FRY, Peter ; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade*. Rio de Janeiro:
Zahar, 1983.
- GIOBELLINA, Fernando. *Las formas de los dioses*. Cádiz, Servicio de Pu-
blicaciones de la Universidad de Cádiz: 1994.
- GIOBELLINA, Fernando. *Umbanda, el poder del margen*. Cádiz: Servicio
de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2000.
- GONÇALVES DA SILVA, Vagner *Orixás da metrópole*. Petrópolis: Vozes,
1995.
- LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ,
2002 [1947].
- LOYOLA, Maria Andréa. *Médicos e curandeiros*. São Paulo: Difel, 1984.
- MAGGIE, Yvonne *Guerra do orixá: um estudo de ritual e conflito*. Rio de
Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001 [1975].
- MAGGIE, Yvonne. *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*.
Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- MELLO DE SOUZA, Laura. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo:

REVISTA ESTUDOS
AFRO - BRASILEIROS

Pombagiras nos cultos populares brasileiros

Cia. das Letras, 1986.

MEYER, Marlyse (1993) *Maria Padilha e toda a sua quadrilha*. São/Paulo:

Livraria Duas Cidades, 1993.

SÁNCHEZ ORTEGA, María Helena. *Ese viejo diablo llamado amor*. Ma-

drid: UNED Ediciones, 2004.

TRINDADE, Liana. *Exu, poder e perigo*. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Brasil de todos los santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Editor, 2000.

VERNANT, Pierre. *Pandora, la première femme*: Paris, Fayard, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Maria Laura. *O que é espiritismo*. São Paulo:

Brasiliense, 1985. ■